

# Argumentação interna aos enunciados\*

Marion Carel\*\*

Os trabalhos de Donnellan mostraram que no próprio interior de um enunciado simples, como *o assassino de Smith é um crápula*, podia ser condensada uma argumentação (aqui *é o assassino de Smith, portanto é um crápula*). O que eu gostaria de salientar é que não há lugar para privilegiar incansavelmente os discursos em *donc*, e que assim certos enunciados simples (*Uma corruíra para você é um fardo pesado*, por exemplo, dirigido pelo Carvalho a um Bambu) condensam um discurso com *pourtant*<sup>1</sup> (aqui *é uma corruíra, no entanto ela é pesada para você*). Aplicarei em seguida esse estudo à análise da relação marcada pelo emprego chamado "contrastivo" de *mas*.

## 1 Encadeamentos normativos e encadeamentos transgressivos

Dois exemplos inicialmente. O primeiro é tirado de *L'Abonné de la Ligne U*, de Aveline. Étienne é assassinado em Paris, numa segunda-feira. A cerimônia religiosa realiza-se na quarta-feira seguinte pela manhã, depois, à tarde, o corpo deve ser sepultado em Saint-Etienne. Mas a polícia quer, com urgência, encontrar o assassino e pede a Paul, irmão da vítima, que venha vê-la o mais depressa possível. Paul lhes escreve.

*Senhores, como o sepultamento de meu infeliz irmão será realizado em Saint-Etienne, em nosso jazigo de família, eu considerava um piedoso dever meu acompanhá-lo à sua última morada com minha pobre cunhada e seus filhos. Seu apelo me aponta um dever mais urgente. Logo que terminar a cerimônia religiosa, irei, portanto, a seu escritório.*

\* Artigo a ser publicado na *Revue de Sémiotique et de Pragmatique*, 2002, n. 11-12.

\*\* Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales - Paris.

Tradução: Leci Borges Barbisan. Agradecemos às professoras Elcemina Lúcia Balvedi Pagliosa, Sílvia Kurtz dos Santos e Tânia Maris de Azevedo por observações feitas à tradução.

<sup>1</sup> *Donc* e *pourtant* podem ser traduzidos aproximadamente como *portanto* e *no entanto*.

Qual é a função desse *donc*? Seria absurdo ver nele a marca de uma tentativa de Paul de persuadir a polícia de que ele irá. Esse discurso não leva a que se conclua por uma certa mudança de Paul. O que ele permite compreender primeiramente é que este irá *para* cumprir seu dever de cidadão. Não que ele privilegie esse dever em relação a seu dever de irmão, mas porque é, entre seus deveres, o mais urgente. Ir, no discurso de Paul, é responder com urgência e é *donc* que impõe essa interpretação – evitando ao mesmo tempo a perigosa leitura de *eu irei a seu escritório*, que importaria:

*Eu não me sinto obrigado a assistir ao enterro de meu irmão. Irei, portanto, a seu escritório.*

A função do *donc* de Paul é de ligar semanticamente o que o segue ao que o precede. Ora, inversamente, o que precede *donc* é dependente do que o segue. Pois, no que ir à polícia é mais urgente do que assistir ao enterro de um irmão? O que essa urgência significa senão que Paul *portanto* irá? A argumentação de Paul só exprime finalmente uma única coisa, seus segmentos são interdependentes, e constitui desse modo o que chamarei um encadeamento argumentativo: de seu início ao seu final, não há nenhum progresso informativo.

Um segundo exemplo, tirado de *L'amour marin*, de Paul Fort:

*Será inútil apressar-se, ultrapassar, meu Deus! o tempo/ E saturá-lo com todos os nossos pecados, não será assim; no entanto/ todas as alegrias, todas as preocupações dos amores que duram sempre/ a gente as reencontra, abreviadas, em nossos pequenos amores de um dia.*

O que afirmo é que, do mesmo modo que o *donc* de Aveline não ligava duas informações separáveis, uma das quais seria *além disso* a consequência da outra, do mesmo modo esse *no entanto* de Fort não liga duas idéias distintas – aquela que diz que os amores dos marinheiros não são plenos, e aquela de que eles são como os grandes amores – cuja coexistência provocaria *além disso* um sentimento de estranheza. Ao contrário, o que o conector marca novamente é a dependência semântica dos segmentos que ele liga. Assim, se os amores dos marinheiros não são plenos, não é porque eles são breves, nem porque os marinheiros são amantes medíocres: eles não são plenos *quando* eles deveriam ser plenos, quando há tudo neles, tudo o que constitui os grandes amores. É isso que enfatizam os versos de Paul Fort: é constitutivo do sentido do que precede *pourtant* ser precisamente ligado por *pourtant* ao que segue esse conector. Inversamente, o que significa que os grandes amores “se encontram abreviados” nos amores dos marinheiros? Que eles se

assemelham, mas que sentimentos, que ações, até mesmo que indivíduos não se assemelham? Os grandes amores são, por definição, amores plenos e os amores dos marinheiros se assemelham a eles pelo fato de que *deveriam* ser plenos. Os dois segmentos do poema são de novo interdependentes, e direi que esse trecho de Fort realiza um encadeamento argumentativo, como o de Aveline.

Assim, de modo geral, qualificarei de **encadeamento argumentativo** qualquer discurso sintaticamente analisável em duas frases que, de um ponto de vista semântico, são interdependentes e exprimem finalmente, ambas, uma única coisa. As passagens de Claude Aveline e de Paul Fort são, nesse sentido, dois encadeamentos argumentativos. Certamente, não podemos nos contentar com descrever um encadeamento argumentativo por essa unidade, esse elemento de sentido, esse **bloco semântico**. Com efeito, consideremos os dois discursos:

*a polícia o apressa para ir vê-la, donc ele irá*

*a polícia o apressa para ir vê-la, pourtant ele não irá*

Nos dois casos, *ir* consiste em fazer o que é urgente e os dois discursos precedentes estão relacionados com o mesmo bloco semântico (o de Aveline). Ora, um mesmo locutor não poderia assumi-los igualmente: eles são também, de certo modo, opostos, e é necessário, portanto, distingui-los. Digo que os encadeamentos argumentativos em *portanto* são **normativos** e que os encadeamentos em *no entanto* são **transgressivos**.<sup>2</sup> Mas é sobretudo aqui no paralelo que existe entre o normativo e o transgressivo que eu gostaria de insistir. Esses dois tipos de discurso são, para mim, igualmente primitivos. Particularmente o transgressivo *A pourtant não-C* não se fundamenta no normativo *A donc C*. Ele é um outro aspecto, primeiro, do mesmo bloco semântico e, ao lado dos discursos em *donc* habitualmente mobilizados na análise do sentido, afirmo que é preciso também dar lugar aos discursos com *pourtant*. É o que me parece mostrar a análise das argumentações condensadas no próprio interior dos enunciados simples, o que chamo de argumentação interna dos enunciados.

## 2 Argumentação interna aos enunciados

Comparemos primeiramente esses dois trechos de *Le Renard et la Cigogne*. Um descreve a burla da Raposa:

<sup>2</sup> Para uma apresentação mais detalhada dessas noções de bloco e de argumentações normativas e transgressivas, veja-se meu artigo de 1994 (artigo publicado em *Letras de Hoje*, n. 107, mar. 1997).

*Essa sopa foi por ela servida num prato:*

*A Cegonha, de bico longo, não pôde pegar nada.*

outro, sua punição:

*Foi-lhe necessário voltar em jejum para seu ninho*

*Envergonhada como uma Raposa que uma Galinha tivesse pegado.*

Seguindo Berrendonner, na descrição que ele propõe para *Pastora*, recolha suas brancas ovelhas, observarei primeiro que a qualificação de *cegonha* por *de longo bico*, bem como a de *ovelhas* por *brancas* não tem nenhuma utilidade referencial – não limitando o alcance de *cegonha*, ela não facilita a determinação do objeto em questão. Ela tem, em compensação, um papel argumentativo. No entanto, essa função argumentativa não me parece tanto ser a função “pictiva” que Berrendonner atribui a *brancas* e que consistiria em desenvolver, no interior de um grupo nominal, argumentações que vão do nome à sua qualificação (aqui, *é uma ovelha, donc é branca*):<sup>3</sup> não creio que a expressão *cegonha de longo bico* tenha como função ativar o discurso *é uma cegonha, donc ela tem um longo bico* – do qual eu não vejo nem a utilidade textual, nem a poesia. Como as predicções atributivas de Donnellan, ela me parece antes ligar o sujeito gramatical a seu predicado *não pôde pegar nada*, ou mais precisamente a *não pôde pegar nada daquilo que estava servido em um prato* (*daquilo* remete, não à sopa como coisa não qualificada, mas à sopa-servida-em-um-prato), e o verso condensa assim o encadeamento normativo:

*Ela tinha um longo bico, donc ela não comeu nada do que estava servido em um prato*<sup>4</sup>

A função “pictiva” de Berrendonner é apenas um caso particular de uma função argumentativa mais ampla, englobando também essa função “atributiva” que permite construir argumentações, ligando palavras relacionadas a entidades sintáticas diferentes. Assim, até mesmo no caso de *ovelhas brancas*, é tanto o primeiro quanto o segundo dos dois discursos seguintes que me parece evocado:

<sup>3</sup> Seria possível aproximar essa função “pictiva” que Berrendonner atribui a certas qualificações da função “explicativa” que Port-Royal atribui a certas relativas que só “desenvolvem o ou que estava encerrado na compreensão da idéia do primeiro termo, ou pelo menos o que lhe convém como um de seus acidentes, contanto que lhe convenha geralmente e em toda sua extensão”. – *Logique*, I, 8.

<sup>4</sup> Notar-se-á o papel de *em*. Servido em um prato, e não dentro de um prato, a sopa parece ainda mais esparramada, mais inapreensível.

*as ovelhas são brancas* (delicadas), *donc devem ser recolhidas* (protegidas) *quando chove*

(*brancas* teria função “atributiva”)

são *ovelhas*, *donc são brancas*

*brancas* teria função “pictiva”

Enfim, diferentemente desta vez, tanto da função “pictiva” de Berrendonner quanto da função “atributiva” de Donnellan, a função argumentativa que procuro pôr em evidência, no próprio interior dos enunciados, pode consistir em introduzir encadeamentos, não mais normativos, mas transgressivos. Assim, a argumentação que liga *Galinha* e *pegar uma Raposa* no verso de *La Fontaine Envergonhada como uma Raposa que uma Galinha tivesse pegado* é transgressiva, e esse verso evoca:

*é uma Galinha, pourtant ela pegou a Raposa*

ou, mais geralmente:

*era fácil evitar, pourtant caiu na armadilha*

É precisamente a presença dessa argumentação transgressiva que permite avaliar a vergonha da Raposa, vergonha que está relacionada ao fato de que ela se desmereceu, que ela foi inferior a si mesma. É *no entanto* que marca essa distorção. Falar-se-ia mais dificilmente de uma galinha *envergonhada como uma Galinha que uma Raposa teria pegado*, a proposição comparativa evocando, desta vez, um encadeamento normativo (*é uma Raposa, donc ela a pegou*) que não assinala essa inferioridade à norma que deve provocar a vergonha.

Outro exemplo. No Discurso do Método, Descartes apresenta o que se chama de “primeira prova” da existência de Deus do seguinte modo (de fato, não pode tratar-se propriamente falando de uma *prova*, tanto mais que no *Cogito*, nesse estágio de seu procedimento, Descartes não pode ainda se permitir nenhuma confiança no raciocínio matemático):

*Já que eu conhecia algumas perfeições que eu não tinha* [aquelas contidas na idéia de Deus], *eu não era o único ser que existia*

O que é que liga as duas proposições gramaticais dessa passagem? Direi primeiramente que a proposição subordinada, introduzida por *já que* não é a simples conjunção lógica de dois julgamentos, aquele segundo o qual Descartes conheceria tais perfeições, e aquele segundo o qual ele não teria essas perfeições. Esse segmento evoca antes um encadeamento transgressivo: *eu não te-*

inho essas perfeições, *pourtant* eu as conheço, e desse modo, opõe-se ao encadeamento normativo contrário<sup>5</sup> eu não tenho essas perfeições, *donc* eu não as conheço. Ora, esse discurso normativo negado exprime duas coisas, de um lado:

- (1) *meu pensamento não tem essas perfeições, donc ele não pode engendrará-las*

por outro lado:

- (2) *meu pensamento não pode engendrar essas perfeições, donc ele não as contém*

Mas, Descartes enfatiza, o mais perfeito não pode ser uma continuação do menos perfeito: as perfeições que meu pensamento não tem não podem efetivamente ser engendradas por ele e não se trata, para Descartes, de recusar (1). O que ele nega é (2). Ora o que significa (2)? Não há nenhum sentido em dizer que meu pensamento não pode conter alguma coisa porque ele não a engendrou, se não se admite o isolamento de meu pensamento. É até mesmo precisamente essa idéia de uma total independência e de uma total solidão do ser pensante (isto é, do eu) que o aspecto normativo do encadeamento (2) exprime. E é isso que a proposição introduzida por *já que* nega:

*eu conhecia algumas perfeições que eu não tinha.*

Negação que é expressa de modo mais incisivo na proposição principal:

*Eu não era o único ser que existia*

O *já que* de Descartes marca, não uma relação de inferência, mas uma relação de explicitação: a proposição subordinada diz em que sentido *eu não era o único ser existente* e assim Descartes nega a solidão do eu, negando uma norma. O que o faz admitir a existência de uma natureza superior fora dele, e que em seguida lhe permitirá novamente confiar na geometria, é um discurso de *pourtant*, insuportável ao matemático que ele voltará a ser.

Em resumo, os enunciados simples podem, portanto, conter tanto argumentações transgressivas quanto normativas,<sup>7</sup> e as

<sup>5</sup> Eu direi mais adiante *converso*.

<sup>6</sup> Nesse momento do Discurso, lembremos, o "eu" cartesiano não é mais do que um ser pensante.

<sup>7</sup> Precisemos que não está aí o próprio dos enunciados específicos. Os dois versos de La Fontaine *Que um amigo verdadeiro é algo terno* e *Uma corruíra para você é um fardo pesado* são genéricos (até mesmo se *para você* limita a generalidade da segunda asser-

relações sintáticas entre os termos ligados são, como mostram os exemplos, variadas. Ao mesmo tempo, a análise argumentativa levanta duas questões: a língua contém formas que assinalam que termos estão relacionados argumentativamente, e existem marcas lingüísticas da natureza, normativa ou transgressiva, da argumentação? Farei duas observações a respeito disso.

A primeira diz respeito ao exemplo construído:

*Os bons estudantes mesmo assim foram aprovados, e inversamente os maus estudantes foram mesmo assim reprovados*

Ele mostra que o equilíbrio geral dos discursos pode determinar os termos argumentativamente ligados. Com efeito, cada ocorrência de *mesmo assim*, notar-se-á primeiramente, assinala a presença de uma argumentação transgressiva. No entanto, o simples enunciado *os bons estudantes mesmo assim foram aprovados*, se não estivesse articulado por *e inversamente* a *os maus estudantes mesmo assim foram reprovados*, seria suscetível de várias interpretações argumentativas. Por exemplo, os bons estudantes poderiam *mesmo assim ter sido aprovados*, pelo fato de que eles tiveram êxito, *apesar* da dificuldade do assunto. Com essa interpretação, *os bons estudantes mesmo assim foram aprovados* evocaria o encadeamento transgressivo de modo algum paradoxal (eu o qualifico até de "doxal"):

*era difícil, pourtant* houve êxito

O predicado seria transgressivamente ligado a seu complemento objeto. Mas, segunda interpretação, o fato de ser um bom estudante poderia antes constituir uma dificuldade, e o enunciado, ligando transgressivamente seu predicado, não mais a seu complemento objeto, mas a seu sujeito gramatical, evocaria então o encadeamento transgressivo paradoxal:

*é um bom estudante, pourtant* foi aprovado

Assim, a locução *mesmo assim* impõe certamente que se interprete o primeiro segmento do exemplo como uma argumentação transgressiva, e não normativa, mas, não precisando quais são os termos ligados, ela não levanta todas as ambigüidades argumentativas. Ora, o exemplo completo levanta a ambigüidade argumentativa: o discurso, tomado no seu todo, impõe que se interprete paradoxalmente seu primeiro segmento e assim que se ligue transgressi-

ção), evocando respectivamente a argumentação normativa *é um verdadeiro amigo, portanto é terno tê-lo* e a argumentação transgressiva *é uma corruíra, no entanto, é pesado para você*.

vamente o predicado *ser aprovado* a seu sujeito gramatical *os bons estudantes*. A que se deve isso? Em parte ao articulador *e inversamente*. Com efeito, esse último liga sempre duas argumentações respectivamente da forma *A conector B* e *não-A conector não-B*: elas são ou ambas normativas ("conector" é, nos dois encadeamentos, do tipo de *donc*), ou ambas são transgressivas ("conector" é, nos dois encadeamentos, do tipo de *pourtant*). Ora, essa restrição torna impossível a primeira interpretação de *os bons estudantes mesmo assim foram aprovados*. Com efeito, se esse enunciado exprimissemos:

*era difícil pourtant houve êxito*

então, por causa dessa restrição, o enunciado *os maus estudantes mesmo assim foram reprovados* deveria evocar:

*era fácil, pourtant houve fracasso*

Mas, um único locutor não pode afirmar, ao mesmo tempo, a respeito de um mesmo exame, que ele tem simultaneamente essa dificuldade que não impede necessariamente de ter êxito e essa facilidade que não impede necessariamente de fracassar. Essa primeira interpretação não é, portanto, no contexto de nosso exemplo, aceitável, e é por isso que a ambigüidade argumentativa é levantada: o articulador *e inversamente*, por suas restrições de emprego, participa da determinação dos termos argumentativamente ligados.

Minha segunda observação dirá respeito à natureza da argumentação evocada. Essa natureza pode ser marcada por expressões como *mesmo assim*, *estranhamente*, *normalmente*, ou ainda *como deve ser* (ela é transgressiva nos dois primeiros casos, normativa nos dois últimos). Mas as próprias palavras plenas podem ter também esse papel, como mostra a passagem que destaquei na seguinte declaração de Lélío – desgostoso com as mulheres, ele acaba de deixar Paris – a seu criado Arlequim (*La surprise de l'Amour*, I,2, Marivaux):

*A infidelidade de tua amante te fez rejeitar o amor, a traição da minha me fez rejeitá-lo do mesmo modo: tu me seguiste com coragem na minha retirada, e tu te tornaste caro a mim pela conformidade de teu gênio com o meu e pela semelhança de nossas aventuras.*

Admitirei primeiramente que, para Lélío, foi, não como criado, mas como outra vítima da promiscuidade da sociedade, que Arlequim o seguiu. Seu próprio lugar de retirada é também, para ele, uma retirada para Arlequim, e o papel de *minha retirada* no discurso de Lélío não é (puramente) referencial. A passagem destacada é reformulada:

*Tu também te retiraste com coragem*

(o paralelo desenvolvido por Lélío entre sua situação e a de Arlequim me parece apoiar essa interpretação<sup>8</sup>). O que me propo-nho estudar é, no quadro interpretativo, o papel da expressão *com coragem*. Porque, mesmo levando em conta precisões anteriores, o enunciado simplificado:

*tu me seguiste na minha retirada*

seria ambivalente. Com efeito, ele pode de um lado evocar o encadeamento normativo (3):

(3) *era um lugar em que tu serias protegido, portanto tu me seguiste*

que liga o aspecto favorável da palavra *retirada* e o verbo *seguir*. Mas a palavra *retirada* tem outra significação. Um exército *em retirada* é certamente um exército que se protege – procura-se *impedir* a retirada ao inimigo – mas também um exército que abandona – *obriga-se* o inimigo à retirada. O isolamento, a ausência de acontecimento, a ausência de vizinhança, se eles garantem aos amantes traídos que não serão decepcionados, acarretam solidão e tédio, e o enunciado simplificado evoca também o encadeamento transgressivo (4):

(4) *era um lugar onde tu te aborrecerias, pourtant tu me seguiste*

Ora, o enunciado inicial de Marivaux resolve essa ambivalência: a expressão *com coragem* põe em relevo o esforço que é a retirada, ou seja a segunda interpretação (4). Isso me parece devido ao fato de que *com coragem*, compreendida como uma qualificação de *tu me seguiste na minha retirada*, impõe interpretar essa última proposição por um encadeamento aparentado à significação de *coragem*. Com efeito, ser corajoso é precisamente fazer coisas, apesar de seu perigo, seu tédio, o desgosto que fazê-las traz. O encadeamento transgressivo:

*É desagradável, pourtant eu o faço*

está inscrito na própria significação da palavra *coragem*. Ora, só o encadeamento transgressivo (4):

*era um lugar onde tu te aborrecerias, pourtant tu me seguiste*

<sup>8</sup> Pode-se, além disso, supor, nesse ponto como em muitos outros, que o autor Marivaux se distancia de seu personagem Lélío de modo a fazer aparecer o egocentrismo ingênuo do patrão: o discurso de Lélío apresenta a atitude de Arlequim como a de um companheiro, e Marivaux destaca que ele esquece assim que o servidor é escravo e deve seguir seu senhor, moralmente como fisicamente – a camponesa da cena I dá a entender isso.

é aparentado a essa significação da palavra *coragem* e portanto só (4) pode interpretar *tu me seguiste na minha retirada*. A expressão *com coragem* põe em relevo o aspecto desfavorável da retirada. Inversamente, a expressão *com entusiasmo*, fazendo-a relacionar-se com *tu me seguiste na minha retirada*, imporia interpretar essa última proposição por um encadeamento aparentado à significação de *entusiasmo* e, assim analisado, *tu me seguiste com entusiasmo na minha retirada* poria em relevo o encadeamento normativo (3):

(3) *era um lugar onde tu serias protegido, donc tu me seguiste*

É diferente o procedimento que Alceste utiliza para pedir a Célimène que lhe declare abertamente seu amor, deixando a vida mundana *apesar* do desprazer que isso lhe custará (*Le misanthrope*, V, última cena, Molière):

*que no meu deserto, onde fiz voto de viver,  
você esteja, sem demora, resolvida a me seguir*

Não se trata nem mesmo mais aqui de *corajosa retirada*, mas somente de deserto: Alceste é categórico. Certos verbos, notemo-lo ainda, podem ter também essa função de marcar a natureza, normativa ou transgressiva, da argumentação evocada: *tornar*, ou ainda *fazer rejeitar*, na passagem de Marivaux, assinalam uma argumentação normativa (*a infidelidade de tua amante te fez rejeitar o amor=tua amante te foi infiel, portanto o amor te é desagradável*).

Assim, os procedimentos que marcam que termos são argumentativamente ligados e a natureza desse elo argumentativo são diversos. Assinalemos, além disso, para concluir, que a argumentação interna a um enunciado não é necessariamente um elo entre dois termos do enunciado. Assim, por causa da própria significação da palavra *coragem*, o enunciado *Pedro é corajoso* evoca o encadeamento transgressivo:

*é desagradável, pourtant Pedro o faz*

Ora, esse encadeamento não liga dois termos do enunciado que o evoca: ele é totalmente interior ao predicado desse enunciado.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Para outros exemplos, mais detalhados, de argumentações internas a um enunciado que não provêm de um elo argumentativo entre dois termos do enunciado, pode ser visto em meu artigo "Prédication et argumentation".

### 3 Uma relação de oposição entre enunciados: a conversão

Proponho-me agora a utilizar essa noção de argumentação interna a um enunciado para definir uma das relações de discurso, para mim, fundamentais: a conversão. Essa relação será definida em dois momentos: será primeiramente introduzida a noção de *argumentações* conversas, depois a de *enunciados* conversos. Sob que condições duas argumentações são conversas? Primeiramente, quando se trata de encadeamentos como:

(n) *a polícia apressa Paulo para que vá vê-la, donc ele irá*

(t1) *a polícia apressa Paulo para que vá vê-la, pourtant ele não irá*

seja, mais geralmente, de encadeamentos materialmente da forma *A donc C* e *A pourtant não-C*. Esse é o exemplo tipo. Mas serão também conversos (n) e (t2):

(t2) *os professores apressavam Maria para responder, pourtant ela não respondeu*

A relação de conversão não exige um estrito parentesco material: é converso a *A donc C* todo encadeamento que exprime o mesmo bloco semântico e o mesmo aspecto transgressivo desse bloco que *A pourtant não-C*. Assim, os dois encadeamentos transgressivos (t1) e (t2) são ambos conversos ao encadeamento normativo (n) porque, mesmo se um diz respeito a Paulo e à polícia, o outro a Maria e seus professores, mesmo se um está no futuro e outro no passado, ambos exprimem essa mesma idéia de ação feita sob pressão, e além disso sob o mesmo ângulo transgressivo: em (t2) como em (t1), é dito que se pode resistir à coação. Tendo sido introduzida essa noção de encadeamentos conversos, pode-se então definir a de enunciados conversos: dois *enunciados* serão ditos *conversos* se suas argumentações internas são conversas. Por exemplo, os dois enunciados *até mesmo esse bom estudante foi reprovado* e *esse bom estudante, como se esperava, foi aprovado* são conversos porque eles condensam respectivamente as argumentações *conversas* *é um bom estudante, pourtant ele foi reprovado* e *é um bom estudante, donc foi aprovado*. Ilustrarei essa relação de conversão com dois exemplos:

Seja descrever o emprego de *mas* realizado por:

(5) *o modo de seleção dessa universidade não é bom: Pedro foi aprovado mas João foi reprovado*

Certos autores vêm aí um *mas* "contrastivo". O sujeito gramatical de *Pedro foi aprovado* teria por função referir a um indivi-

duo, e a predicação atribuiria a esse indivíduo a propriedade, designada pelo predicado, de ter tido êxito. Do mesmo modo, o segmento *João foi reprovado* atribuiria a um indivíduo a propriedade de ter fracassado e o *mas* assinalaria, então, um simples contraste entre o êxito e o fracasso. A meu ver, tal descrição não parece suficiente porque, não levando precisamente em conta sujeitos gramaticais, ela torna incompreensível o fato de que o discurso tomado como exemplo categorize Pedro e João da mesma maneira. Trata-se de dois estudantes inteligentes, ou talvez somente esforçados, em todo caso, de dois estudantes que, segundo o locutor, deveriam ter êxito em um sistema de seleção normal – o que eu resumirei dizendo que se trata de dois bons estudantes.

Para dar conta desse fenômeno, eu o ligarei ao fato, observado por Rossari e Jayez, que (6) faz também de João um bom estudante:

(6) *o modo de seleção dessa universidade não é bom: por exemplo, João foi reprovado*

Assim, apontarei inicialmente que, invertendo-se a ordem dos segmentos no exemplo de base, o discurso resultante, *o modo de seleção dessa universidade não é bom: João foi reprovado mas Pedro foi aprovado*, faz de Pedro e de João maus estudantes. A ordem dos enunciados ligados por *mas* tem uma influência sobre a categorização dos sujeitos. Inspirando-me nos trabalhos de Anscombe e Ducrot, explicarei essa divergência dizendo que os discursos em *mas* põem em relevo seus segundos segmentos em detrimento de seus primeiros segmentos. É o segmento *João foi reprovado*, e só esse segmento, que o exemplo de base liga ao *modo de seleção dessa universidade não é bom* – ao passo que seria *Pedro foi aprovado* que o discurso inverso ligaria. O discurso de base (5) contém (7):

(7) *o modo de seleção dessa universidade não é bom: João foi reprovado*

diferentemente do discurso inverso, que contém *o modo de seleção dessa universidade não é bom: Pedro foi aprovado*. Aceito isso, não seguirei, entretanto, Anscombe e Ducrot quando eles vêem em (7) uma argumentação. Que João tenha sido reprovado não me parece dever ser um efeito da anormalidade da universidade. Antes direi que isso constitui a anormalidade da universidade, isso é uma manifestação direta dela, uma atualização. Encontrar-se-ia esse mesmo fenômeno de atualização em (8) ou em (9):

(8) *Pedro é muito prudente: tu sabes, um dia desses, era perigoso, e então ele não fez.*

(9) *Pedro não é racista mas não consegue suportar os negros.*

É a prudência em ação que o segundo segmento de (8) descreve, como é imediatamente racismo que exhibe o segundo segmento de (9). Dito de outro modo, a conjunção ausente de (7) – ou de (8) – não é *donc* (um sinal disso me parece ser que se hesita entre reconstruir *o modo de seleção dessa universidade não é bom, donc João foi reprovado* e reconstruir o discurso inverso *João foi reprovado, donc o modo de seleção dessa universidade não é bom*). A conjunção ausente de (7) é *por exemplo* e assim, observando-se o mesmo fenômeno de categorização no *mas* que eu estudo, e no exemplo de Rossari e Jayez, é precisamente porque o *mas* que eu estudo:

(5) *o modo de seleção nessa universidade não é bom: Pedro foi aprovado mas João foi reprovado*

contém o exemplo de Rossari e Jayez:

(6) *o modo de seleção dessa universidade não é bom: por exemplo, João foi reprovado*

Mas como descrever (6)?

Direi que os dois segmentos de (6) estão numa relação de explicitação. Eles condensam uma mesma argumentação e sua relação é da ordem da sinonímia. Ora, qual pode ser essa argumentação comum? O segmento *o modo de seleção dessa universidade não é bom*, notemo-lo inicialmente, pode condensar duas argumentações:

*É um bom estudante, pourtant foi reprovado*  
(a faculdade é difícil demais)

*É um mau estudante, pourtant foi aprovado*  
(a faculdade é fácil demais)

Além disso, por um elo argumentativo entre seu sujeito e seu predicado, *João foi reprovado* pode condensar, de acordo com o que se sabe de João, somente uma das argumentações seguintes:

*é um bom estudante, pourtant foi reprovado*

*é um mau estudante, donc foi reprovado*

Há, portanto, uma única argumentação ao mesmo tempo que se pode evocar por *João foi reprovado* e *o modo de seleção dessa universidade não é bom*, a saber *é um bom estudante, no entanto foi reprovado*.

Assim, porque o contexto impõe que se compreenda *João foi reprovado* como tendo a mesma argumentação interna que *o modo de seleção dessa universidade não é bom*, se é conduzido a associar a palavra *João* à qualificação de bom estudante (e a interpretar *o modo de seleção dessa universidade não é bom por a faculdade é difícil*). Resta explicar por que o discurso (5), em *mas*, faz também de Pedro um bom estudante. Tirarei desta vez partido do fato de que o exemplo apresenta o êxito de Pedro como oposto ao fracasso de João. Porque o fracasso de João, como se viu, não tem outro sentido que não seja o de manifestar a anormalidade da faculdade: é a faculdade, e não o futuro de João, que constitui o propósito do locutor. Paralelamente é, portanto, uma simples manifestação de *o modo de seleção dessa universidade é bom* que o primeiro segmento de (5), *Pedro foi aprovado*, apresenta. Ora, esses dois últimos enunciados têm como única argumentação interna comum *é um bom estudante, donc foi aprovado*. O que conduz a relacionar por sua vez a palavra *Pedro* e a qualificação *bom estudante*.

Assim, o segmento *o modo de seleção dessa universidade não é bom* e o conector *mas* de (5) levam a interpretar os dois segmentos *Pedro foi aprovado* e *João foi reprovado* por:

*Pedro é bom estudante, donc foi aprovado*

*João é bom estudante, pourtant foi reprovado*

São essas argumentações que *mas* articula. Serão reconhecidas aí duas argumentações conversas. O "contraste" que geralmente se entende ver notificado por esse tipo de *mas* é aqui, mais precisamente, uma relação de conversão.<sup>10</sup>

Meu segundo exemplo de conversão realizará essa relação sem marcá-la lexicalmente. Trata-se da máxima:

*Em abril, não deixes de usar roupas quentes; em maio, faz o que te agrada.*

em que os dois segmentos *em abril não deixes de usar roupas quentes* e *em maio faz o que te agrada*, parecem de novo "opostos". Mas de que modo? Porque existem várias formas de oposição, não lexicalmente marcadas, entre expressões. Vamos ver três.

<sup>10</sup> Para mim, todos os empregos de *mas* ligando duas proposições cujos predicados são antitéticos supõem uma mesma categorização de seus sujeitos. Além disso, essa categorização tem condições específicas. Não basta saber que Pedro e João são dois seres humanos, ou duas pessoas altas, para compreender o diálogo "Então, quais são as novidades? - Pedro passou, mas João rodou. A categorização deve estar "em relação" com o êxito e o fracasso. Ora, qual é essa relação? Ela está, para mim, sempre ligada às capacidades argumentativas de *ter êxito* e de *fracassar*. Mas de modos eventualmente diferentes: certos *mas* considerados como "contrastivos" não são, admito inteiramente, análogos passo a passo àquele que eu acabo de estudar.

Primeiramente, como observa Lundquist, a relação pode ser transgressiva. Assim, tendo por tarefa ordenar um certo conjunto de frases de modo a construir um texto, alguns informantes (raros, é verdade) propõem:

*As duas candidatas se chamavam Sandrina e Laura. Em estenografia inglesa, Sandrina só pôde escrever 65 palavras por minuto. Em contabilidade informática, Laura Orsini mostrou muitas capacidades para o programa de gestão. Parecia que a pequena grenoblense ia perder o emprego. Depois dessa entrevista extenuante, seu marido convidou-a para jantar em um dos melhores restaurantes de Paris. Ela obteve o emprego.*

Ora, a segunda e a quarta frases desse texto são, notar-se-á, opostas à última: mais exatamente, elas evocam os encadeamentos transgressivos:

*Ela só pôde escrever 65 palavras por minuto, pourtant ela obteve o emprego*

*Parece que a pequena grenoblense ia perder o emprego, pourtant ela o obteve*

Elos transgressivos podem, assim, ser efetuados sem conector. Esse não é, no entanto, o caso na máxima meteorológica tomada como exemplo, já que ela não diz que o tempo em maio deveria ser tão pouco confiável quanto o de abril.

Nisso, a oposição que a máxima realiza se assemelha antes à oposição feita pelas duas primeiras frases da passagem de Aveline já parcialmente comentada (mas veremos a seguir que essa semelhança é superficial):

*Senhores, como o sepultamento de meu infeliz irmão será realizado em Saint-Étienne em nosso jazigo de família, eu considerava um piedoso dever meu acompanhá-lo à sua última morada com minha pobre cunhada e seus filhos. Seu apelo me aponta um dever mais urgente. Logo que terminar a cerimônia religiosa, irei, portanto, a seu escritório.*

De fato esse trecho não evoca o encadeamento transgressivo:

*eu considerava um piedoso dever acompanhá-lo, pourtant o senhor me indica um dever mais urgente*

Paul não censura os policiais por perturbá-lo em seu luto. Ao contrário, ele aceita a observação deles e seus dois primeiros enunciados são de fato articulados por um *mas* dito de "oposição indireta" por Anscombe e Ducrot (no segundo segmento no qual *mesmo assim* não poderia ser introduzido sem mudança de sentido):

*eu considerava um piedoso dever meu acompanhá-lo, mas seu apelo me aponta um dever mais urgente*

Aqui os dois enunciados são opostos pelo fato de que eles argumentam, respectivamente, pela presença de Paulo nos funerais de seu irmão, e contra essa presença. É essa uma segunda forma de oposição não marcada entre expressões: ela é acrescentada à oposição transgressiva.

Mas, se a relação de oposição realizada pela máxima não é tampouco transgressiva, não é também "indireta" como aquela que manifesta a passagem de Aveline. De fato, ela não introduz um terceiro termo que, ao modo de *a presença de Paulo nos funerais*, oporia o tempo de abril ao de maio. Trata-se de fato de uma nova forma de "oposição", de certo modo "direta", mas sem ser transgressiva. Poder-se-ia falar de contraste e parafrasear a máxima por:

*o tempo em abril não é confiável, mas o de maio é*

É dito de abril que não se deve deixar de usar roupas quentes mesmo se faz bom tempo e o primeiro enunciado da máxima evoca o encadeamento transgressivo:

*o tempo em abril é bom, pourtant não deixes de usar roupas quentes*

O bom tempo de maio, em compensação, é dito confiável e o segundo enunciado da máxima evoca o encadeamento normativo:

*o tempo em maio é bom, donc podes tirar as roupas quentes*

São esses dois encadeamentos, interiores a cada um dos segmentos da máxima, que são opostos. Ora, trata-se de encadeamentos conversos. A oposição devida à existência de uma relação de conversão se realiza aqui sem marca explícita.

### Conclusão

Assim, aceitar descrever a língua, não somente por encadeamentos normativos em *donc*, mas também por encadeamentos transgressivos em *pourtant*, permite completar as descrições de certas predicções e mais geralmente introduzir uma noção de argumentação interna em um enunciado. Além disso, pode-se então definir uma relação de conversão que, como se acaba de ver, realiza-se em certos contrastes, marcados ou não por *mas*. O que é mais, a definição da conversão pode ser ainda estendida de modo que ela possa comparar, não somente argumentações e enunciados, mas também simples palavras. Assim, a palavra *prudente* evoca, pela sua própria significação, o encadeamento:

*é perigoso, donc ele toma precauções*

Esse encadeamento é totalmente interior a *prudente*; ele lhe é interno. Por generalização da noção de argumentações conversas, dir-se-á então que é conversa a *prudente* uma palavra cuja significação condensa o encadeamento converso:

*é perigoso, pourtant ele não toma precauções*

Notar-se-á que se trata da palavra *imprudente*. A relação de conversão que opunha os dois enunciados articulados pelo *mas* de

*A faculdade é loteria: Pedro foi aprovado, mas João foi reprovado*

e opunha ainda os dois segmentos da máxima:

*Em abril, não deixes de usar roupas quentes; em maio, faz o que te agrada*

opõe também as palavras antitéticas como *prudente* e *imprudente*. Fatos desse gênero levam a dar à relação de conversão um status fundamental nas descrições lingüísticas. E esse mesmo status deve, portanto, ser dado à oposição entre encadeamentos transgressivos e normativos, já que a noção de conversão repousa sobre essa oposição.

### Referências bibliográficas

- ANSCOMBRE, J.-C., DUCROT, O. (1977). Deux mais en français?. *Lingua*, n. 43.
- BERRENDONNER, A. (1995). Quelques notions utiles à la sémantique des descripteurs nominaux. *Tranel*, n. 23.
- CAREL, M. (1994). L'argumentation dans le discours: argumenter n'est pas justifier. *Langage et Société*, n. 70.
- . (1998). Prédication et argumentation. Actes du colloque d'Uppsala de junho de 1996. *Prédication, assertion, information*.
- LUNDQUIST, L. (1999). Le factum textus: fait de grammairse, fait de linguistique ou fait de cognition?. *Langue Française*, n. 121.
- ROSSARI, C., JAYEZ, J. (2000). Par exemple: une procédure d'exemplification par la preuve. Actes du Colloque de Metz de março de 1999. *Ordre et distinction dans la langue et le discours*.